

Representação gay em *corpus* literário paralelo

Gay representation in parallel literary corpus

Adail Sebastião Rodrigues Júnior*

Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO: Este artigo apresenta parte dos resultados de minha pesquisa de doutorado, com foco em como personagens *gays* e suas realidades de mundo são representados por meio da transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Os *corpora* sob análise são uma coletânea de contos *gays* intitulada *Stud* (ANDROS, 1969) e sua tradução brasileira *As Aventuras de um Garoto de Programa* (ANDROS, 1998), re-textualizada quase trinta anos após a publicação do original nos Estados Unidos da América. Cinco excertos foram escolhidos a fim de mostrar como partes dos corpos dos personagens são usadas para representar suas realidades de mundo, o que aponta para o papel do corpo na constituição de relações sociais homossexuais no contexto dos anos 1960 nos EUA. De igual modo, a tradução, embora feita nos anos 1990 no Brasil, enfatiza o mesmo papel empregado pelos fragmentos dos corpos dos personagens. Os resultados, portanto, abrem novas possibilidades de discussão de como os *gays* são representados no discurso literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura gay; linguística literária; transitividade.

ABSTRACT: This paper aims at presenting part of the results of my doctorate research, with a focus on how gay characters and their world realities are represented by means of transitivity (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). The corpora under analysis are a collection of gay short stories entitled *Stud* (ANDROS, 1969) and its Brazilian translation *As Aventuras de um Garoto de Programa* (ANDROS, 1998), re-textualized almost thirty years after the original publication in the United States of America. Five excerpts were chosen in order to show how parts of the characters' bodies are used to represent their world realities, which points to the role of the body in the constitution of homosexual social relations in the context of the 1960s in the U.S. Likewise, the translation, though rendered in the 1990s in Brazil, emphasizes the same role played by fragments of the characters' bodies. Thus, the results open new possibilities for discussing further how gays are represented in literary discourse.

KEYWORDS: Gay literature; literary linguistics; transitivity.

* adail.sebastiao@gmail.com

“(...) gay readers will turn to gay fiction in order to see reflected and illuminated aspects of their own experience and also to have reconfirmed the existence of other voices who speak of struggles and joys comparable to their own.”

Keith Harvey, *Gay Community, Gay Identity and the Translated Text*, p.138

Os estudos gays e a literatura

Os estudos emergentes *gays* e lésbicos receberam, segundo Culler (1999), atenção significativa, no campo do conhecimento dos Estudos Literários, a partir dos questionamentos epistemológicos da filósofa norte-americana Judith Butler. Essa teórica propõe, em seu livro *Gender Trouble* (1990), sustentando-se na teoria performativa de Austin (1962) e nos Estudos Culturais, que o gênero masculino ou feminino é um construto performático, resultado de ações executadas por atores sociais que se reconhecem homem, mulher, lésbica, *gay*, transexual, travestido, bissexual, entre outras variações que mudam de indivíduo para indivíduo. A execução de atos repetidos e aceitos como típicos de um gênero social em particular fazem da pessoa que os *performam* a representação daquela identidade emblemática.

São inúmeras as pesquisas nos Estudos Literários e Linguísticos nacionais e internacionais que se preocupam com essa questão epistemológica (para um mapeamento significativo de teóricos nacionais e internacionais nessa linha de interesse, ver ABELOVE; BARALE; HALPERIN, 1993; LIVIA; HALL, 1997; SANTOS; GARCIA, 2002). No campo da interface entre tradução e linguística literária, os teóricos que têm se preocupado com a temática *queer* são Keenaghan (1998), Mira (1999) e, sobretudo, Harvey (1998; 2000a; b). Keenaghan (1998) focaliza suas análises em itens lexicais com o objetivo de investigar como as mudanças na estrutura lexical do texto traduzido, em comparação com o texto original, facilitam e/ou repudiam a inserção de conceitos da cultura *gay* em leitores mais conservadores da cultura receptora. Mira (1999), por sua vez, baseia-se em teorias dos Estudos Pós-Coloniais e dos Estudos Culturais para observar as estratégias políticas das traduções *gays*, destacando que a explicitação da literatura *gay* como estilo de escrita é considerada uma estratégia política de libertação dessa mesma cultura, prática esta intitulada *the out-of-the-closet politics*.

Harvey (1998; 2000a; b) elabora suas investigações na interface da Linguística, dos Estudos Culturais e da Crítica Literária, caracterizando sua

pesquisa como interdisciplinar. Admitindo, em seu trabalho acadêmico, as ponderações acerca da política *queer*, conforme proposta por Butler (1990), Harvey tenta centralizar suas investigações sobre as experiências homossexuais *performadas* quando do uso linguístico do estilo verbal *camp* e as funções que este exerce no contexto social da cultura do texto original, assim como os impactos que esse estilo verbal causa na cultura receptora do texto traduzido. Esses estudos lançam luz sobre as formas discursivas por meio das quais as identidades *gays* dos personagens do texto original são construídas durante a tradução. Isso porque, para Harvey, as estratégias tradutórias do estilo verbal *camp* muito dependerão da avaliação que o(a) tradutor(a) fizer desse estilo. Para levar a cabo suas investigações, Harvey utiliza teorias linguísticas (BARRET, 1997) e a teoria de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987).

Ao ler os trabalhos de Harvey, pelo fato de este teórico também privilegiar análises linguísticas em sua pesquisa, senti falta de um detalhamento mais minucioso dos papéis discursivos de *representação* dos sujeitos *gays* que esse teórico apresentava em seu estudo. Embora seu trabalho seja reconhecido e legitimado na interface entre a linguística e a literatura, devido ao seu critério de análise, o detalhamento, no nível linguístico, desses participantes não foi a proposta de Harvey, mas, sim, a identificação mais ampla, de nível sociopolítico, de elementos ideológicos que subjaziam às construções identitárias de atores sociais *gays* de sua pesquisa. O que se vê no trabalho desse teórico são associações de elementos linguísticos presentes em suas análises com os traços ideológicos e culturais dos contextos em que se inserem tanto o texto original quanto o texto traduzido, numa preocupação constante com o(a) leitor(a).

Diferentemente de Harvey, o enfoque que proponho privilegia os aspectos *discursivos* do texto original e de sua re-textualização, dentro do escopo da Linguística Aplicada (ver HATIM; MUNDAY, 2004, p. 8). Esse enfoque recai sobre a noção de *representação gay* a partir da perspectiva Sistêmico-Funcional (EGGINS, 1994, 2004; EGGINS; MARTIN, 1997; HALLIDAY, 1978, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; MARTIN; ROSE, 2003), em cujo cerne de análise a linguagem é fator preponderante, sobretudo o sistema de *transitividade*, para a construção representacional de personagens em textos originais e suas traduções.

Além disso, meu interesse por essa temática nasceu, sobretudo, de minha própria experiência em movimentos *gays* no Brasil com agendas políticas e sociais que defendiam, e ainda defendem, a *naturalização* dos discursos

estereotipados a respeito do homossexualismo na sociedade heterossexual brasileira. Existe, atualmente, no contexto das relações sociais de minorias *gays*, uma tentativa que eu denomino de *desguetificação gay*, ou seja, a busca pela notoriedade por meio do abandono do confinamento espacial e social dos *gays* em locais privados, de modo a atingir o reconhecimento das diferenças e de viabilizar a convivência do contexto heterossexual com essas diferenças, sem marginalizá-las.

Em um estudo sobre o conceito de “Comunidade”, Bauman (2003, p. 105), sociólogo polonês, assim se expressa sobre a definição de “gueto”:

[u]m gueto (...) combina o confinamento espacial com o fechamento social: podemos dizer que o fenômeno do gueto consegue ser ao mesmo tempo territorial e social, misturando a proximidade/distância *física* com a proximidade/distância *moral* (...) (ênfases no original).

Ademais, estudos antropológicos e sociológicos sobre a cultura *gay* (SMITH, 1993; TREVISAN, 2004; FIGARI, 2007) têm demonstrado o fato de os *gays* terem de se confinar geralmente em bares e boates como locais “secretos” de manifestação de suas ações sociais cotidianas, o que caracterizou a cultura *gay* como a cultura de gueto.

A relação entre cultura *gay* e gueto encontra, segundo Berutti (2002), sua fundamentação histórica nos turbulentos anos 1960 nos Estados Unidos, principalmente com o ocorrido na noite de 27 de junho de 1969 no bar *gay The Stonewall Inn*, que operava na Christopher Street, n. 53, Nova York. Nessa data, uma batida policial provoca uma revolta geral nos frequentadores do *Stonewall*, a qual durou cinco dias, e, embora o bar tenha sido definitivamente fechado, os manifestantes *gays* continuaram suas reivindicações. Após um ano, com a intenção de comemorar a revolta nesse bar *gay*, a passeata do *Gay Pride* (“Orgulho Gay”) sai às ruas de Nova York, estabelecendo, então, o marco histórico do aparecimento público dos movimentos *gays* nos Estados Unidos: os movimentos *gays*, portanto, se fortaleceram suficientemente para vir a público e constituir notícia.

Além disso, o episódio no *Stonewall* “tornou-se emblemático na história dos Estados Unidos, assim como na literatura, uma vez que foi igualmente transformado em um marco divisório na produção literária *gay*” (BERUTTI, 2002, p. 28). O discurso literário tornou-se, por assim dizer, um “local discursivo” em que leitores *gays* encontravam experiências de vida parecidas com as suas, registradas explicitamente na trama de personagens *gays*. O texto

literário, portanto, caracteriza-se como a materialização dessas experiências e, ao mesmo tempo, a reprodução de realidades muitas vezes experienciadas por leitores que compartilham ideias e sensações análogas às dos personagens literários. Segundo Hasan (2007), ao longo dos tempos a literatura tem sido vista, por parte de seus leitores, como um meio de prazer, de reação positiva e, até mesmo, subversiva, porque possibilita a apreciação de realidades de mundo representadas textualmente no eixo norteador da história de vida dos personagens. Tendo em mente a posição de Hasan (2007), para a identificação desses elementos textuais, os quais retratam os eventos sociais de um determinado contexto (literário), vejo na Linguística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF) um instrumento potencial para o mapeamento de elementos linguístico-discursivos que traduzam, por assim dizer, experiências de mundo de personagens de obras ficcionais e não ficcionais. Além disso, esse mapeamento se configura, no caso específico deste artigo, em método analítico para precisar, na estrutura discursiva de obras literárias *gays*, a maneira como seus personagens são representados socialmente. Esse é, portanto, o enfoque do que se segue.

Linguística sistêmico-funcional e representação

A LSF remonta à década de 1960, especialmente aos trabalhos do linguista e semiótico Michael Alexander Kirkwood Halliday, seu fundador. A teoria sistêmica de Halliday foi influenciada pelo trinômio epistemológico dos estudos de Malinowski–Firth–Whorf. O antropólogo Malinowski (1923) influenciou Halliday ao afirmar, com base em sua pesquisa nas ilhas Trobriand, na Polinésia, que termos linguísticos específicos de uma determinada cultura não podem ser traduzidos sem se levarem em conta os aspectos sociais e culturais daquela comunidade. A partir disso, Halliday percebeu que a linguagem não é um sistema autossuficiente, mas dependente do contexto em que é usada.

As contribuições dos estudos do gramático Whorf (cf. CARROLL, 1956) à teoria hallidayana recaem sobre a própria linguagem, uma vez que Whorf, contrariamente a Malinowski, e a partir de seus estudos gramaticais, privilegiava a linguagem como elemento essencial de ordenação e organização social. Nesse sentido, Halliday conclui que a gramática é fundamental para se entender os níveis mais amplos da estrutura social. Contudo, Halliday afirma, influenciado por Malinowski, que uma gramática que dê conta de representar

o social e, ao mesmo tempo, constituí-lo, deve ser funcional em sua base. Nesse ponto, Halliday percebe a importância dos trabalhos do linguista Firth (1957) às suas perquirições. Firth, sustentando-se em Malinowski, elege, como ponto de vista de suas análises, o eixo paradigmático enquanto instância sistêmica de uma determinada língua que confere múltiplas escolhas aos seus usuários para a representação de realidades de mundo por intermédio da linguagem. Para levar a cabo suas investigações, Firth acrescenta ao conceito de “contexto de situação” de Malinowski, ou seja, a visão de que a linguagem, para significar, depende do contexto em que é usada, a noção de “sistema” – conjunto de possibilidades de uso da linguagem.

Avançando em suas pesquisas, sem, no entanto, perder de vista as ponderações de Firth, Halliday (1985) sistematiza sua Gramática Sistêmico-Funcional (doravante, GSF), cuja base epistemológica é a visão sistêmica da linguagem. Segundo Halliday (1985, p. xiv), “[a] teoria Sistêmica é uma teoria de significado como escolha, por meio da qual a linguagem, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como redes de opções que se imbricam”.¹ Tendo como base essa ponderação, Halliday (1985) desenvolveu uma gramática (GSF) que representasse as realidades de mundo dos usuários da língua (metafunção ideacional), assim como suas interações e construções de significados interpessoais com seus interlocutores (metafunção interpessoal), tudo por meio de textos organizados para determinados fins ou objetivos comunicativos (metafunção textual). A metafunção ideacional tem como papel fundamental *representar linguisticamente* os participantes (sujeitos) envolvidos na realização discursiva de suas ações, comportamentos, pensamentos, relações e falas, por meio de processos (verbos) a eles vinculados, e das circunstâncias (grupos adverbiais e sintagmas preposicionados) que contextualizam e caracterizam suas realizações discursivas. Essa representação ocorre, segundo Halliday (1985), por meio do sistema de *transitividade*.

A transitividade

Halliday (1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) apresenta, em sua GSF, a oração como unidade mínima de realização das experiências de mundo em que participantes, ou atores sociais, se engajam para

¹ Minha tradução de: “Systemic theory is a theory of meaning as choice, by which a language, or any other semiotic system, is interpreted as networks of interlocking options...”

constituírem significados. Essa constituição de significados reproduz as experiências de mundo desses participantes, sendo que a forma de representá-la se dá por meio de *processos* que expressam ações, acontecimentos, sensações, significados, identidades e transformações, ou seja, um conjunto de impressões experienciais, tanto íntimas quanto exteriores, que Halliday denomina “*goings-on*” (1994, p. 106). Sendo a oração, para Halliday, um modo de representação da experiência de mundo dos participantes envolvidos em processos, o sistema gramatical por meio do qual essa representação é ativada é o da *transitividade*, isto é, sistema que constrói o mundo experiencial com base em tipos de processos. Martin e Rose (2003) denominam essa construção discursiva como *ideação*. Para esses teóricos, a ideiação “focaliza o ‘conteúdo’ do discurso: que tipos de atividades são exercidos e como os participantes dessas atividades são descritos, como eles são classificados e do que eles são compostos”² (p. 66).

Os componentes que constituem esses processos são (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004): (i) o *processo* em si, realizado pelo grupo verbal na oração; (ii) os *participantes* envolvidos no processo, realizados pelo grupo nominal da oração; e (iii) as *circunstâncias* associadas aos processos, realizadas por grupos adverbiais e sintagmas preposicionados. Esse aspecto experiencial do discurso é considerado por Halliday e Matthiessen (2004) como uma “matriz semiótica” (*figure*), ou seja, um complexo oracional que constitui realidades internas e externas de mundo, configuradas por meio de processos, participantes e circunstâncias. Um exemplo, extraído de Martin e Rose (2003, p. 70), ilustra essa configuração:

(...) as a 18-year-old // Helena // met // a young man in his 20s.
 (1) (2) (3) (4)

Dentro da configuração experiencial, “Helena” (2) e “a young man” (4) são os participantes envolvidos na representação oracional da realidade de mundo na qual eles experienciam aspectos do mundo ao seu redor. O núcleo dessa configuração, ou elemento oracional que estabelece os papéis discursivos exercidos pelos participantes, é o processo material “met” (3), o qual indica que os participantes em seu entorno configuram-se como agentes em uma ação

² Minha tradução de: “... focuses on the ‘content’ of a discourse: what kinds of activities are undertaken, and how participants in these activities are described, how they are classified and what they are composed of.”

executada por eles mesmos, e não como pacientes de ações executadas por outrem. Por fim, a circunstância de papel “as a 18-year-old” (1) funciona como “modificador” (*modifier*) ou “classificador” (*classifier*) do “núcleo” (*head*) “Helena”, o que oferece um “pano de fundo para caracterizar os participantes envolvidos no processo: as circunstâncias se prestam, pois, ao ‘embelezamento’ da configuração experiencial, recurso muito útil no discurso literário” (GOUVEIA, comunicação pessoal).³ Em outras palavras, a circunstância de papel foi escolhida não apenas para expressar uma peculiaridade de “Helena”, mas, sobretudo, para servir de base para a configuração de “Helena” como uma participante com características que configuram a experiência de mundo da qual ela participa e a qual é representada oracionalmente. Os elementos textuais que compõem a transitividade serão alvo de análise nos excertos escolhidos para discussão.

O corpus paralelo

O *corpus* de análise deste artigo é uma coletânea de contos *gays*, escrita na década de 1960 por Samuel Steward, com o pseudônimo de Phil Andros, no contexto norte-americano, e sua tradução para o português brasileiro, feita por Dinah Klebe, ao final da década de 1990, constituindo-se, pois, em um estudo de caso.⁴ Segundo Smith (1993), os anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos se caracterizaram pelo fortalecimento de movimentos de minorias, entre eles o feminismo, o racismo e, sobretudo, os movimentos *gays* e lésbicos. Estes últimos encontraram resistência acirrada de ações coletivas radicais e discriminatórias, principalmente na década de 1960. Os movimentos sociais que ocorreram nesse período histórico norte-americano foram o ponto de partida para inúmeras manifestações e reivindicações de grupos minoritários por seus direitos, muitos dos quais iam de encontro às normas de conduta marginalizadoras estabelecidas pela ideologia política e social dos Estados Unidos.

³ Minha interação com o Prof. Carlos Gouveia, da Universidade de Lisboa, se deu durante o “Simpósio Internacional *Abordagens Sistêmicas da Linguagem*”, em 29 de novembro de 2004, na Faculdade de Letras da UFMG.

⁴ Por ser um estudo de caso, os resultados obtidos nesta pesquisa limitam-se ao *corpus* investigado. Todavia, esses resultados abrem espaço para discussões futuras acerca da representação de personagens *gays* em discurso literário e não-literário.

A primeira edição da tradução de *Stud* para o português brasileiro, intitulada *As Aventuras de um Garoto de Programa* (doravante, *Garoto*), pela Edições GLS, de São Paulo, é lançada em 1998, cerca de trinta anos depois da escrita do texto original, em um contexto social nacional em que os movimentos gays se fortaleciam e, conseqüentemente, criavam meios de expandir suas ideologias. Uma das formas utilizadas para essa expansão foi a crescente venda de livros e revistas nacionais cujas temáticas e chamadas, respectivamente, apresentavam declaradamente a vida *gay* como estilo e prática social a caminho da legitimação (TREVISAN, 2004).

Segundo Culler (1999), com o advento dos Estudos Culturais, literaturas consideradas canônicas abriram espaço para literaturas minoritárias ou marginalizadas, que passaram a ser o foco de atenção de teóricos dos Estudos Literários engajados na legitimação desses tipos de literatura como reconhecidamente importantes para a (re)afirmação dos grupos sociais que elas representavam. As narrativas que compõem as literaturas marginalizadas, afirma Culler (1999, p. 84), “são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo”.

Outro ponto que chamou minha atenção para essa coletânea de contos foi exatamente o eixo histórico e político em que ela surgiu, mais precisamente, no contexto norte-americano da década de 1960, em cuja década várias manifestações *gays* e lésbicas emergiram e estabeleceram o marco para o surgimento dos movimentos *gays* que perduram até hoje (BERUTTI, 2002; FACCHINI, 2005). A coletânea de contos que ora investigo foi escrita em um contexto social norte-americano conturbado, em que seu autor buscou expressar a cultura *gay* da época, sobretudo a construção social do homossexual masculino em suas histórias. Seus contos tentam representar o *modus vivendi* dos *gays* e suas ações em sociedade. Essa representação pode ser percebida nas escolhas linguísticas que o autor fez para retratar a realidade *gay* de sua época e, ao mesmo tempo, reafirmar uma cultura que emergia dos guetos em busca de inclusão social.

No caso da tradução, cerca de trinta anos depois, a década de 1990 no Brasil caracterizou-se, segundo Trevisan (2004), como o período de reafirmação dos *gays* em um momento social crítico do pós-AIDS. Nesse contexto, a sociedade brasileira reergueu-se depois da avassaladora contaminação do vírus HIV causada, principalmente, por relações sexuais “ilícitas”. Esse fato histórico foi denominado “*peste guei*”, como coloca Trevisan (2004).

O *corpus* paralelo investigado nesta pesquisa caracteriza-se como uma narrativa positiva, ou seja, uma narrativa *homodiegética*, em que “o narrador é uma personagem *dentro* da estória”⁵ (SIMPSON, 1993, p.32) narrada. Essa posição do narrador/protagonista (nesse caso, Phil Andros) em relação às histórias dos contos analisados faz com que seu ponto de vista narrativo realize uma espécie de *seleção* dos discursos produzidos pelos outros personagens, representando-os linguisticamente por seu intermédio. Tal fato vai ao encontro da definição de ponto de vista narrativo dada por Simpson (1993, p. 4): “[n]o contexto da narrativa ficcional, ponto de vista se refere geralmente à perspectiva psicológica por meio da qual uma estória é contada”.⁶ Neste artigo, então, além de utilizar as categorias de transitividade propostas por Halliday (1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), os cinco exemplos analisados terão como base analítica a investigação de como os personagens, ou participantes, no *corpus* deste estudo, são representados por meio dos processos e, sobretudo, da relação dessa representação com o *ponto de vista* narrativo. Vale lembrar que apenas cinco exemplos foram escolhidos, devido a limites de número de palavras (para os resultados gerais desta pesquisa, ver RODRIGUES-JÚNIOR, 2006b).

Análises

Os trechos do QUADRO 1 mostram que Phil Andros (protagonista dos contos) e outro personagem são representados, respectivamente, por partes de seus corpos, os quais agem e se comportam para a execução de atos eróticos típicos de relações heterossexuais e homossexuais. A partir de suas ações e comportamentos, é possível perceber, segundo Harvey (2000a), que a representação dos personagens *gays* é construída no texto literário, entre outras formas, por meio do agenciamento de fragmentos de seus corpos, cuja trama se dava no contexto norte-americano da década de 1960.

Esta passagem ocorre em um quarto de hospital na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, em que Phil Andros cede ao pedido de seu parceiro Karl, hospitalizado e muito enfermo, por ter sido vítima de espancamento. Andros, então, tira sua bota e meia esquerdas e estica seu pé para que Karl, cujo fetiche era beijar e lambe os pés de seus parceiros, possa acariciá-lo e concomitantemente masturbar-se.

⁵ Minha tradução de: “... a narrator is a character *within* the story”.

⁶ Minha tradução de: “In the context of narrative fiction, point of view refers generally to the psychological perspective through which a story is told”.

QUADRO 1

Representação dos personagens por meio de fragmentos de seus corpos

“Okay,” said, weakening. I was sitting on what was his left side of the bed, so I pulled off my left boot. I took off the sock and laid it out flat, still warm and damp, across his eyes and nose. And then I ever so gently swung my leg up and put my foot beside his face. He turned his head a little to the left, and I sank slowly back on the bed as wave after wave of pleasure traveled over and through my body. Beside me, under the covers, I saw his hand move slowly toward his crotch...

OK – eu disse, cedendo. Eu estava sentado sobre o seu lado esquerdo da cama, portanto tirei minha bota esquerda. Tirei a meia e deixei o meu pé esticado, ainda quente e úmido em frente aos seus olhos e nariz. E então ergui minha perna suavemente e pus o meu pé ao lado de seu rosto. Ele virou o rosto um pouco para a esquerda e eu me esgueirei devagar para trás na cama à medida que as ondas de prazer percorriam o meu corpo. Ao meu lado, sob as cobertas, eu o vi mexer lentamente no seu pau.

As escolhas lexicais presentes no trecho do original *Stud* do QUADRO 1, tais como, os grupos nominais “his eyes and nose”, “my leg”, “my foot”, “his face”, “his head”, “my body”, “his hand” e “his crotch”, todas com pronomes possessivos indicando as partes dos corpos *dos* personagens e *do* narrador/protagonista Phil Andros, indicam o papel discursivo que o corpo, tal qual na relação heterossexual, exerce na construção das experiências de mundo dos personagens *gays* dos contos analisados. Essas escolhas também apontam para as características do campo do *registro*,⁷ ou variedade funcional da linguagem,

⁷ Segundo Rodrigues-Júnior (2006a, p. 51), “[o] registro ganha características discursivas conforme variações contextuais expressas por intermédio do ‘campo’ (*field*), das ‘relações’ (*tenor*) e do ‘modo’ (*mode*). O campo, para Halliday (1978), se refere ao que ocorre num determinado contexto de situação, à natureza da ação social em andamento e às atividades ou práticas sociais que os participantes da ação desempenham; as relações se referem à interação dos participantes da ação, seus papéis sociais e suas hierarquias; por fim, o modo expressa a função da linguagem na constituição de significados no contexto de situação, a organização simbólica dos textos, o canal linguístico utilizado (oral, escrito, semiótico, etc.) e como os participantes usam a linguagem para fins de significação”.

que se instanciam textualmente por meio do sistema de transitividade (participantes, processos e circunstâncias) do *corpus* paralelo sob análise e também por intermédio das escolhas lexicais que textualizam os participantes mais frequentes desse mesmo *corpus*. As partes dos corpos dos personagens, portanto, são escolhas lexicais típicas desse *corpus*, cujo papel discursivo parece ser a (re)afirmação de ações sexuais polêmicas de homossexuais masculinos em um contexto social norte-americano dos anos 1960 e 1970 ainda discriminador e estigmatizante.

Escolhas lexicais semelhantes, como participantes ligados ora a tipos de processos, ora presentes em circunstâncias ou em orações paratáticas,⁸ podem ser vistas no trecho da tradução *Garoto* do QUADRO 1, tais como, “o meu pé”, “seus olhos e nariz”, “minha perna”, “seu rosto”, “o rosto”, “o meu corpo” e “seu pau”. A presença dessas escolhas lexicais em *Garoto*, seguindo o mesmo padrão de textualização do original *Stud*, inter-relaciona a instância textual realizada pelo sistema de transitividade do texto traduzido à variável de campo de um contexto de situação propício a essas escolhas, ou seja, um contexto de coito, bem como aos aspectos sociais da década de 1990 no Brasil, que se caracterizavam pelas discussões polêmicas acerca da liberação *gay*, como bem coloca Trevisan (2004). A Edições GLS, ao publicar nessa década a obra *As Aventuras de um Garoto de Programa*, reforçava os ideais *gays* de reconhecimento de suas práticas sociais como naturais, da mesma forma que as práticas sociais heterossexuais da pós-modernidade.

Seguindo uma representação de mundo parecida com a do QUADRO 1, no QUADRO 2, os personagens *gays* Phil Andros e seu namorado ‘pedólatra’ Karl iniciam o ato sexual em um quarto de apartamento. O narrador / protagonista descreve detalhadamente a cena do ato em que Karl acariciava os pés de Andros antes de se entregar às suas carícias. Para essa descrição, o narrador usa as partes dos corpos das personagens como elementos ou participantes diretos no construto discursivo de suas realidades de mundo. Ou seja, fragmentos dos corpos dos personagens são chamados à cena do tópico do QUADRO 2 para representá-los, como se vida independente tivessem.

⁸ “Relações paratáticas expressam elementos que possuem *status* semelhante no nível da oração. Isso significa que, no componente lógico, ambos os elementos relacionados parataticamente são independentes um do outro, como nos exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa: *I took it from him and looked at him. / Eu agradeci e fui embora*” (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006b, p. 59). Na nomenclatura da gramática convencional, orações paratáticas são conhecidas como *orações coordenadas*.

QUADRO 2
Partes dos corpos como agentes

“Yeah, man, sure,” I said, and smirked at him. “Don’t you? He got down on both knees on the floor and lifted up the foot that was not on the bed, put the heel of it in his crotch and started to unfasten the buckle. Then suddenly he picked up the foot by the boot-heel and raised it higher and laid his cheek against it, with his eyes closed. And startingly, for no reason I could think of, one small crystal tear squeezed itself out of one eye and took a tentative uncertain course down the dark tan of his cheek.”

Ele se ajoelhou no chão e ergueu o pé que não estava na cama, colocou o salto no seu pau e começou a desafivelar a bota. Então pegou o pé pelo salto, ergueu-o mais alto e colocou-o contra a sua bochecha, com os olhos fechados. E, de repente, sem nenhuma razão aparente, uma pequena lágrima cristalina se espremeu de um olho seu e tomou um rumo tortuoso pelo rosto bronzeado.

Os elementos, ou partes dos corpos dos personagens, “knees”, “foot” e “eyes” são participantes diretos dos processos “got”, “was” e “picked”, e “closed”, respectivamente. Na verdade, são os joelhos que se comportam, os pés que são identificados por meio da circunstância de localização “on the bed”, além de sofrerem a ação de serem levantados, e os olhos que se fecham, como visto pelo uso do processo “closed”, nesse caso, um processo *ergativo*.⁹ Escolhas léxico-gramaticais equivalentes ocorrem no *corpus* paralelo, com exceção do processo comportamental “se ajoelhou” como re-textualização da construção “He got down on both knees”. No trecho em língua portuguesa, o apagamento da parte do corpo do personagem (“knee”) se deu meramente pela estrutura léxico-gramatical típica da língua portuguesa, dado que em *Stud* a escolha lexical “knees” é participante¹⁰ da circunstância de localização “on both knees”, simplificada, em *Garoto*, pelo processo comportamental “se ajoelhou”.

⁹ Processos ergativos são verbos que podem, ao mesmo tempo, exercer o papel de verbo transitivo e intransitivo. Em língua portuguesa, por exemplo, a oração “A porta *fechou*” ou “Ele *fechou* a porta” indicam, respectivamente, ausência de um *agente* e presença de um *agente* da ação. O mesmo ocorre com a língua inglesa.

¹⁰ Halliday e Matthiessen (2004, p. 261) problematizam o uso exclusivo da nomenclatura “participante” para núcleos de grupos nominais exercendo o papel de elementos centrais em orações, por exemplo, atores para processos materiais,

Em outro contexto de práticas sociais homossexuais experienciadas por Phil Andros e outros personagens *gays*, o QUADRO 3 mostra o processo comportamental “shrugged” como escolha léxico-gramatical que tipifica o evento social descrito pelo narrador/protagonista Andros, simbolizando o término de uma relação afetiva que ele teve com outro personagem de nome Pete.

QUADRO 3

Processo *shrugged* e respectiva re-textualização

Pete and I lasted about a year, and then he moved on to tighter trousers. I guess he got tired of me because I never would cooperate much with him. He wasn't the type that really turned me on when I wanted a man. We didn't have a fight or anything like that – in those circles you just *shrugged*, you never quarreled – and we went on being good friends.

Pete e eu ficamos juntos por quase um ano, e então ele foi cantar em outra freguesia. Acho que se cansou de mim porque eu nunca cooperava muito com ele. Ele não era o tipo que realmente me excitava quando eu queria um homem. Não tivemos uma briga ou coisa parecida – nestes círculos as pessoas apenas *se recolham*, nunca brigavam – e continuamos sendo bons amigos.

Em *Stud*, o processo comportamental “shrugged” representa uma *ação comportante* de Phil Andros em um contexto de situação específico – o término de uma relação afetiva entre *gays*. A ocorrência dessa escolha léxico-gramatical não é comum em contextos de situação descritos por Andros. Ao consultar as ocorrências de “shrug” em inglês americano no *5-million-Wordbank* do *Bank of English*, versão 3.0 de 2003, disponível em CD-ROM e comercializado pela HarperCollins Publisher, nenhuma ocorrência de “shrug”, e suas variantes, como escolha léxico-gramatical que simboliza términos de relações afetivas foi encontrada. Parece, então, que Phil Andros escolheu esse processo comportamental

comportantes para processos comportamentais, etc. Esses teóricos também percebem que sintagmas preposicionados são construções híbridas que trazem, em sua estrutura léxico-gramatical, núcleos de grupos nominais como “participantes de circunstâncias”. No excerto em análise, a circunstância de localização “on both knees” tem como participante principal “knees”, uma vez que esse elemento é o núcleo de um grupo nominal dentro de um sintagma preposicionado. O núcleo “knees” constitui-se, portanto, como elemento fundamental para a realização linguística da experiência de mundo vivida por Karl, o parceiro ‘pedólatra’ de Phil Andros.

para caracterizar sua própria realidade de mundo quando da ação por ele realizada.

Já em *Garoto*, o significado semântico de “shrugged” é explicitado por meio de dois processos materiais em relação de parataxe, representada linguisticamente pela elipse da conjunção aditiva “e”, “se recolhiam, [e] nunca brigavam”, seguindo o mesmo padrão de textualização em *Stud*, “you just shrugged, you never quarreled”. A escolha pela oração paratática representa a relação de igualdade das duas ações “recolher-se” e “brigar”, simbolizando, assim, a forma de término de relações afetivas entre *gays* expressa no *corpus*. É curioso perceber, entretanto, que o significado semântico de “shrugged” sugere falta de importância e de interesse, ao passo que os significados semânticos de “se recolhiam, nunca brigavam” expressam *ações comportantes* de recolhimento e silêncio frente a situações de término de uma relação afetiva entre homossexuais masculinos. O mais importante, porém, é atestar que a escolha léxico-gramatical “shrugged”, feita por Phil Andros para representar seu desenlace afetivo com Pete, coloca o corpo como elemento constitutivo da representação de suas realidades de mundo, uma vez que seus ombros expressam seu sentimento e sua própria atitude perante seu ex-parceiro. Em *Garoto*, todavia, a escolha léxico-gramatical “se recolhiam” não expressa esse papel discursivo.

O QUADRO 4 demonstra uma realidade de mundo um pouco diferenciada. O trecho do original *Stud* apresenta uma cena em que o narrador/protagonista Phil Andros é forçado a ter relações sexuais anais com Ace, um personagem negro que vinha sofrendo discriminação racial na cidade de Chicago, Estados Unidos, onde ele morava com Andros em um quarto de pensão na periferia da referida cidade. É importante perceber que as escolhas léxico-gramaticais do trecho em questão que mostram que o narrador/protagonista se sujeita às exigências de Ace são os grupos nominais relacionados às partes do corpo de Phil Andros, como no trecho “with one hand at the back of my neck forced me double over the foot of the bed”. Ou seja, as ações são imputadas às partes do corpo de Ace (“with one hand”) – o agente da ação é a mão de Ace, que o representa pela circunstância de meio “with one hand”. Esta última associa-se, por sua vez, à circunstância de localização “at the back of my neck”, que representa a nuca de Phil Andros, personagem que sofre a ação de “curvar-se”. Dessa forma, as escolhas lexicais de partes dos corpos das personagens realizam as práticas sociais do erotismo homossexual em ebulição na década de 1960 nos Estados Unidos, assim como representam as próprias

personagens, construindo, portanto, suas experiências de mundo. O QUADRO 4 também mostra outros tipos de escolhas lexicais como realizações linguísticas dos personagens dos contos.

QUADRO 4

Representação das ações dos personagens por meio de fragmentos de seus corpos

“Do like I tell you, you white bastard,” he said. He was sweating. He reached for my belt but I unbuckled it quickly. He grabbed the top edge of my pants and peeled them down, and with one hand at the back of my neck forced me double over the foot of the bed. Then, with the smell of lint in my nostrils and the oversweet theatrical smell of the cold cream, I felt the incredible pain begin, and go on and on until with each jolt my eyeballs were producing red stars against the clenched black curtain of my eyelids and I thought the agony and the ecstasy would never come to an end...

Faça o que estou lhe dizendo, seu branco desgraçado – Ele estava suando. Tentou pegar o meu cinto, mas eu o desafivelei rapidamente. Ele agarrou as minhas calças e as puxou para baixo, e, com uma mão na minha nuca, me forçou a curvar-me sobre os pés da cama. Então, com o cheiro de algodão em minhas narinas e o doce e dramático odor do creme, senti a incrível dor começar e crescer até que a cada impacto minhas órbitas oculares começaram a produzir estrelas vermelhas de encontro à cortina preta de meus olhos fechados, e eu pensei que a agonia e o êxtase não fossem jamais chegar ao fim...

Além das escolhas lexicais de partes dos corpos dos personagens como elementos constitutivos de seus papéis sociais, há outras também, por exemplo, os grupos nominais “you white bastard”, referindo-se a Phil Andros, no original, e sua re-textualização “seu branco desgraçado”, realizando linguisticamente o discurso racista predominante naquela época no contexto social norte-americano. Essa nomeação (“you white bastard” / “seu branco desgraçado”) carrega semanticamente a constituição discursiva de Ace como representação social do racismo da década de 1960 nos EUA, que paradoxalmente reverte o papel de dominado para dominador durante o ato sexual. No excerto do QUADRO 4, Phil Andros, a representação da cultura branca, subjugando-se, permite-se, apassiva-se, ao passo que Ace, construção corpórea e identitária do negro, domina, comanda, atua.

Há igualmente a construção léxico-gramatical que representa o narrador/protagonista como experienciador de dores físicas anais causadas por Ace

durante o ato sexual, como pode ser visto em “I felt the incredible pain begin, and go on”, no original, e “senti a incrível dor começar e crescer”, na re-textualização. Nesse exemplo, o processo mental “felt” e sua re-textualização “senti” complementam-se, respectivamente, pelas extensões “the incredible pain” e “a incrível dor”, consideradas, aqui, como participantes diretas dos processos materiais “begin, and go on” e “começar e crescer”. Essa realização léxico-gramatical indica que embora Phil Andros seja o experienciador da “incrível dor”, ele, ao mesmo tempo, está sujeito a ela, uma vez que a dor se torna ator do processo material “começar e crescer”, cujo paciente da ação é o próprio narrador/protagonista.

Ademais, a escolha do *past continuous* “were producing”, no original “until with each jolt my eyeballs were producing red stars”, e sua re-textualização como complexo verbal “começaram a produzir”, como expresso em “até que a cada impacto minhas órbitas oculares começaram a produzir estrelas vermelhas”, complementam a representação do ato sexual anal *gay* como uma ação com características de sofrimento e de degradação. Butler (1993) afirma que o termo *queer*, na língua inglesa, do ponto de vista do discurso heterossexual, opera uma espécie de “prática linguística” que nomeia o sujeito homossexual como abjeto, como um sujeito patologicamente sujo, devido à prática sexual anal, e vergonhoso, por não condizer com as normas sociais heterossexuais hegemonicamente estabelecidas e reconhecidas como legítimas na sociedade ocidental. Phil Andros, em sua coletânea de contos, principalmente no trecho do QUADRO 4, parece representar muito bem essa realidade homossexual. Em virtude dessas colocações, percebe-se que a LSF, sobretudo o sistema de transitividade e sua relação com a variável de campo do registro, revela-se um instrumento analítico potencial para os estudos *gays* e lésbicos, no escopo da Linguística Literária, assim como na Linguística Aplicada.

Construções discursivas parecidas podem ser vistas no QUADRO 5, cujo excerto representa o mesmo tópico, ou campo do discurso, do QUADRO 4. As escolhas de tipos de processos do QUADRO 5 mostram a relação discursiva entre o processo comportamental “scowling” e o processo material “to kneel”. Ou seja, o comportamento de Ace em fazer expressões faciais que denotavam desapontamento e contrariedade induziu Phil Andros a ajoelhar-se por entre suas pernas. O contexto de situação desse excerto, isto é, quarto de pensão em que dois *gays* se relacionam sexualmente, apresenta as probabilidades sistêmicas de ocorrências, por exemplo, das circunstâncias de localização “between his legs”, “from the bed” e “under the armpit”.

QUADRO 5

Representação das ações sociais de erotismo e sensualidade dos personagens

He was scowling. I started to kneel between his legs. Suddenly he got up from the bed and grabbed me under the armpit with one huge hand.

Ele estava me olhando maliciosamente. Fui me ajoelhar entre as suas pernas. De repente ele se levantou da cama e me agarrou pelas axilas com sua mão enorme.

A re-textualização traz, por sua vez, escolhas léxico gramaticais um pouco diferenciadas das do original, devido, em parte, às possibilidades sistêmicas da língua portuguesa. No entanto, sobretudo no tocante à re-textualização do processo comportamental “scowling”, a tradutora ofuscou o sentido semântico do processo do original ao re-textualizá-lo como o processo comportamental “olhando” associado à circunstância de modo “maliciosamente”.¹¹ O sentido dessa escolha leva o(a) leitor(a) brasileiro(a) a perceber o tópico do excerto do QUADRO 5 de uma maneira diferente, mais com relação à malícia erótica e sensual do que ao desapontamento e contrariedade claramente expressos no original por meio do processo comportamental “scowling”.

As outras escolhas lexicais da re-textualização demonstradas no QUADRO 5, com explícita presença de fragmentos do corpos dos personagens, tais como, as circunstâncias de localização “entre as suas pernas” e “da cama”, e as circunstâncias de meio “pelas axilas” e “com sua mão enorme”, são escolhas sistêmicas típicas do registro em que se insere o excerto, portanto, escolhas cuja probabilidade de ocorrência é significativamente alta. As escolhas em *Stud* representam realidades de mundo que ultrapassam os limites do texto e alcançam realidades sociais da comunidade *gay* dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, as quais são representadas discursivamente nos contos do *corpus* paralelo aqui analisado. De igual modo, *Garoto* apresenta construções léxico gramaticais que transcendem o texto re-textualizado para representarem realidades do mundo *gay* que, embora pertençam a comunidades diferentes das do Brasil, apresentam práticas sociais igualmente presentes na comunidade *gay* brasileira.

¹¹ O *Collins Cobuild Advanced Learner's English Dictionary*, da Editora Harper Collins Publishers, de 2003, p. 1291, traz a seguinte definição de “scowl”: “When someone *scowls*, an angry or hostile expression appears on their face”. O sentido de “scowl”, portanto, não é o mesmo expresso pela re-textualização “me olhando maliciosamente”.

Considerações finais

Tentei mostrar, neste artigo, o potencial da LSF para investigações linguístico-discursivas de obras literárias em geral e, em particular, de como personagens *gays* são representados no discurso literário. Tal investigação vai ao encontro da afirmação de Harvey (2000a) acerca do papel da ficção *gay* na representação de realidades do mundo *gay* para seus leitores (*gays*).

No âmbito da LSF como instrumento de análise, os cinco excertos analisados neste artigo mostram que partes dos corpos dos personagens *gays*, inclusive do narrador/protagonista, agem, comportam-se, experienciam, se identificam e se relacionam, sejam como integrantes de núcleos do complexo experiencial, sejam como núcleos semânticos de grupos nominais que constituem os complexos oracionais. As análises possibilitaram perceber que a construção discursiva dos personagens *gays* também se dava por meio de fragmentos de seus corpos. Essa construção discursiva revela um aspecto central para os estudos *gays* e lésbicos em pesquisas nacionais (SANTOS; GARCIA, 2002) e internacionais (BUTLER, 1993; LIVIA; HALL, 1997) e, sobretudo, para teóricos da Linguística Literária que se pautem por uma perspectiva sistêmica (cf. MILLER; TURCI, 2007). Ao admitirmos que “gêneros da cultura literária fornecem alcances específicos de experiências e interações compartilhadas que desempenham funções particulares para o indivíduo e a sociedade” (BAZERMAN, 2005, p. 61), perceber como os personagens *gays* do *corpus* paralelo investigado representam suas realidades de mundo em associação com o campo do discurso que tipifica essas ações é, de fato, representar realidades de mundo de seus próprios leitores. Esse estudo abre, pois, espaço para pesquisas mais amplas cujo foco de análise seja a investigação de como personagens *gays* são representados no discurso literário e que espaço eles ocupam no *œuvre* da escrita *gay*.

Referências

- ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (Ed.). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. London & New York: Routledge, 1993.
- ANDROS, P. *As Aventuras de um Garoto de Programa*. Trad. Dinah Klebe. São Paulo: Summus [Edições GLS], 1998.
- ANDROS, P. *Stud*. Boston: Perineum Press, 1982. (Originalmente publicada em 1969)
- AUSTIN, J. L. *How to do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

- BARRET, R. The 'Homo-genius' Speech Community. In: LIVIA, A.; HALL, K. (Ed.). *Queerly Phrased: language, gender, and sexuality*. New York & London: Oxford University Press, 1997. p. 181-201.
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BERUTTI, E. B. Voz, Olhar e Experiência *Gay*: resistência à opressão. In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (Org.). *A Escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002. p. 23-32.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUTLER, J. *Bodies the Matter: on the discursive limits of 'sex'*. London & New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, J. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. London & New York: Routledge, 1990.
- CARROLL, J. B. (Ed.). *Language, Thought and Reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: MIT Press, 1956.
- CULLER, J. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London & New York: Continuum, 2004.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London & New York: Continuum, 1994.
- EGGINS, S.; MARTIN, J. Genres and Registers of Discourse. In: van DIJK, T. *Discourse as Structure and Process*. Vol. I. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 1997. p. 230-256.
- FACCHINI, R. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FIGARI, C. *@s Outr@s Cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics 1934-1951*. London: Oxford University Press, 1957.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed. London & New York: Arnold, 1994.

- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London & New York: Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic*. London & New York: Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, Text and Context*. Geelong, Victoria: Deakin University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London & New York: Arnold, 2004.
- HARVEY, K. Gay Community, Gay Identity and the Translated Text. *Traduction Terminologie Rédaction: Études sur le Texte et ses Transformations*, v. 13, n. 2, p. 137-165, 2000a.
- HARVEY, K. Translating Camp Talk: gay identities and cultural transfer. *The Translator*, v. 4, n. 2, p. 295-320, 1998.
- HARVEY, K. *Translating the Queens' English: parodic femininity in fictional representations of gay talk: a study of French representations of late American gay fiction*. Doctoral thesis. Manchester, UK: UMIST, 2000b.
- HASAN, R. Private Pleasure, Public Discourse: reflections on engaging with literature. In: MILLER, D. R.; TURCI, M. (Org.). *Language and Verbal Art Revisited: linguistic approaches to the study of literature*. London: Equinox, 2007. p. 13-40.
- HATIM, B.; MUNDAY, J. *Translation: an advanced resource book*. London & New York: Routledge, 2004.
- KEENAGHAN, E. Jack Spicer's Pricks and Cocksuckers: translating homosexuality into visibility. *The Translator*, v. 4, n. 2, p. 273-294, 1998.
- LIVIA, A.; HALL, K. (Ed.). *Queerly Phrased: language, gender, and sexuality*. New York & London: Oxford University Press, 1997.
- MALINOWSKI, B. The Problem of Meaning in Primitive Languages. In: OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (Ed.). *The Meaning of Meaning*. London: Routledge, Kegan Paul, 1923. p. 296-336.
- MARTIN, J. R., ROSE, D. *Working with Discourse: meaning beyond the clause*. London & New York: Continuum, 2003.
- MILLER, D. R.; TURCI, M. (Ed.). *Language and Verbal Art Revisited: linguistic approaches to the study of literature*. London: Equinox, 2007.
- MIRA, A. Pushing the Limits of Faithfulness: a case for gay translation. In: BOASE-BEIER, J.; HOLMAN, M. (Ed.). *The Practices of Literary Translation: constraints and creativity*. Manchester, UK: St. Jerome, 1999. p. 109-123.

- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Abordagens discursivas dos estudos da tradução. *Polissema*, n. 6, 2006a, p. 41-64.
- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. *A Representação das Personagens Gays na Coletânea de Contos Stud e em sua Tradução As Aventuras de um Garoto de Programa*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006b.
- SANTOS, R.; GARCIA, W. (Org.). *A Escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002.
- SIMPSON, P. *Language, Ideology and Point of View*. London & New York: Routledge, 1993.
- SMITH, B. Homophobia: why bring it up? In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (Ed.). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. London & New York: Routledge, 1993. p. 99-102.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2004.

Recebido em setembro de 2009. Aprovado em outubro de 2009.